

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
SETOR DE ITALIANO

Scrivere bene

A Questão da língua no *Cinquecento* Italiano

Michele Bonatto

Orientadora: Prof^a Dr^a Florence Carboni

Porto Alegre, 24 de janeiro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Michele Bonatto

Scrivere bene

A Questão da Língua no *Cinquecento* Italiano

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de licenciada em Letras.

Prof^a Orientadora Dr^a Florence Carboni

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Bonatto, Michele
Scrivere bene: a Questão da Língua no Cinquecento
italiano / Michele Bonatto. -- 2018.
35 f.
Orientadora: Florence Carboni.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Italiana e
Literatura de Língua Italiana, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Língua Italiana. 2. Questão da língua. 3.
Vulgares italianos. 4. Língua Cortesã. 5.
Renascimento . I. Carboni, Florence, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Florence por todos esses anos de ensinamentos, sempre com muita competência e generosidade.

À UFRGS que proporciona aos seus servidores a possibilidade de sempre continuar estudando, permitindo a realização desse sonho.

Aos meus familiares e amigos e amigas pela paciência e compreensão das ausências.

Ao meu amor Demitreo, pelo apoio em todas as horas, sem o qual nada disso seria possível.

RESUMO

O presente trabalho trata do longo processo que levou o italiano a se constituir enquanto língua culta destinada à escrita em substituição ao latim. Um dos marcos desse desenvolvimento se deu no período do Renascimento no qual se estabeleceu o debate conhecido como *Questione della lingua*. Intelectuais de diferentes locais debateram através de tratados dialógicos qual das línguas da península merecia o estatuto de língua de cultura. Podemos divisar três grupos intelectuais principais do debate: os partidários do classicismo vulgar do literato veneziano Pietro Bembo; os defensores da língua “cortesã”, como Baldassare Castiglione e Mario Equicola, e da língua “italiana” do vicentino Gian Giorgio Trissino. A proposta vencedora foi a do literato veneziano Pietro Bembo, mais adequada ao pensamento humanista em vigor no *Cinquecento*.

Palavras-chave: Questão da Língua, língua italiana, vulgares italianos, língua cortesã, Renascimento.

RIASSUNTO

L'argomento di questa ricerca è il lungo processo di normalizzazione della lingua italiana come lingua di cultura in sostituzione al latino. Uno dei momenti cardini di questo sviluppo è stato il periodo rinascimentale nel quale si è stabilito il dibattito attorno alla Questione della lingua. Diversi intellettuali vi hanno preso parte, tramite trattati in forma di dialoghi su quale sarebbe la migliore lingua della penisola ad occupare il posto del latino. Tre gruppi maggiori si sono scontrati: quello del letterato Pietro Bembo; quello della lingua cortigiana con Baldassare Castiglione e Mario Equicola e infine, quello della "lingua italiana" di Gian Giorgio Trissino. La proposta vincente fu quella di Bembo, più adatta al pensiero umanistico cinquecentesco.

Parole-chiave: Questione della lingua; lingua italiana, volgari italiani, lingua cortigiana, Rinascimento.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 Panorama do nascimento da Língua italiana	9
2 Do mistilinguismo humanista à <i>Questione della lingua</i>	18
2.1 Pietro Bembo: Boccaccio modelo de prosa; Petrarca, de poesia	21
3 As Teorias concorrentes do Classicismo Vulgar de Bembo	26
3.1 Língua Cortigiana	26
3.1.1 Vincenzo Colli (1460-1508).....	27
3.1.2 Mario Equicola (1470-1525).....	29
3.1.3. Baldassare Castiglione (1478-1529)	30
3.2 A Teoria italiana	31
4. Considerações Finais	34
Bibliografia	35

Introdução

Não são muitos os espaços no decorrer do curso de Letras nos quais temos uma reflexão mais apurada sobre os percursos históricos de uma língua. Mesmo na disciplina Linguística Histórica, a perspectiva adotada, da Teoria da Variação, pouco contribui para uma análise que realmente leve em conta os aspectos históricos e sociais dos fatos linguísticos. O que este trabalho visa mostrar é que a língua, sendo um objeto tão complexo, não pode ser bem compreendida se de seu estudo são ignorados o(s) contexto(s) de sua produção.

No entanto, também não queremos focar a história da língua italiana, ou melhor, um de seus capítulos fundamentais, apresentando uma visão fossilizada e sem vida. Pelo contrário, foi do debate incessante no século XV de intelectuais e estudiosos como Pietro Bembo, Mario Equicola, Gian Giorgio Trissino, etc. que se delineou uma língua normalizada para a **escrita** na península itálica.

A propósito, Bartoli Langeli (2000, p. 8) afirma:

Il secolo veramente separativo è il Cinquecento. Fu questo il secolo della normalizzazione, nei molti sensi che si chiariranno. Prima si scriveva l'italiano come si poteva e si voleva, legittimati dal solo fatto di saperlo (?) fare; dopo, fu ammesso soltanto lo "scrivere bene"[...]¹

O grifo na palavra *escrita* é fundamental para a compreensão deste trabalho, muito embora não possamos deixar de mencionar o desenvolvimento dos vulgares falados na Península que estão na origem dos dialetos.²

Após uma brevíssima incursão na história antiga das línguas faladas na península itálica, o nosso foco será as mudanças ocorridas a partir das invasões chamadas bárbaras e da dissolução do Império Romano.³ O segundo capítulo versa sobre o estado da língua que antecede os anos 1400, até chegar à proposta de Pietro Bembo, o literato veneziano que estabeleceu como padrão de

¹ BARTOLI LANGELI, Attilio. *La Scrittura dell'italiano*. Bolonha: Il Mulino, 2000.

² Utilizamos aqui a terminologia 'línguas vulgares', sem qualquer conotação negativa. Significa, tão somente, as línguas faladas pelo povo, de uso comum e familiar, em contraposição ao latim medieval, língua que por muito tempo manteve-se como língua da cultura e da ciência. Cf. Enciclopedia Treccani, verbete *volgare*, disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/volgare1/>

³ Desde já enfatizamos essa questão da língua escrita. Portanto, não poderemos nos deter à fase da história antiga do latim na Itália e da origem dos dialetos. Poderíamos remeter a discussão a tantas obras, entre as quais DEMAURO, T; LODI, M. *Lingua e Dialetti*. Roma: Editori Riuniti, 1979.

língua literária o florentino em prosa de Boccaccio e em poesia de Petrarca. O terceiro capítulo trata das outras duas teorias que entraram na disputa: a cortesã, defendida por Vincenzo Colli (conhecido por *Calmeta*), Mario Equicola e pelo poeta Baldassare Castiglione; e a chamada “italiana”, do vicentino Gian Giorgio Trissino.

A discussão sobre qual língua da península seria adotada como língua de arte e cultura é ainda anterior ao século XIV. Na obra *De Vulgari Eloquentia*, Dante discute a origem das línguas em geral e do italiano em particular. Todavia, a obra caiu no esquecimento no século seguinte, sendo redescoberta durante o *Cinquecento*, após a divulgação de uma cópia, resgatada por Gian Giorgio Trissino. Nos séculos seguintes, foram realizados inúmeros estudos de filologia e linguística comparada.

A primeira cátedra de História da Língua Italiana foi criada em Florença apenas em 1938, tendo como titular Bruno Migliorini, autor de extrema importância para este estudo. Com o objetivo de realizar pesquisas que conjugassem os fenômenos evolutivos de uma língua através de diversas épocas, relacionando-os às vicissitudes históricas, esta disciplina distanciou-se dos estudos idealistas conjugando análises sincrônicas e diacrônicas de forma bastante acurada. É esta a perspectiva adotada nesse trabalho, no qual utilizamos bibliografia especializada da História da Língua Italiana.

1 Panorama do nascimento da Língua italiana

Conforme os autores, entre os séculos III e I a. C., praticamente todas as populações da Itália antiga usavam o latim, mas cada uma de um modo particular. Por exemplo, as populações Oscas – que ocupavam um território hoje situado na região da Campânia – tinham uma língua muito semelhante ao latim e logo começaram a latinizar-se. Já os etruscos, falantes de uma língua de origem diferente do latim, ou seja, não indoeuropeia, aprendiam o latim com perfeição, porque justamente não o confundiam com a sua língua materna. Outras populações mais distantes aprendiam o latim principalmente através dos soldados e mercadores, falantes de um latim mais popular, e o faziam com substratos linguísticos muito diversificados – ibérios, gauleses, etc. Seja como for, toda essa diversidade cultural e linguística se refletiu no modo com o qual essas populações falavam o latim.

Começamos esse brevíssimo panorama enfatizando novamente que não há nada de natural quando tratamos de fenômenos ligados à escrita (Bartoli Langeli, 2000). Trata-se sempre da adoção de uma convenção e também é fruto das circunstâncias históricas. Um exemplo de convenção foi a escolha do alfabeto latino, baseada em sua prestigiosa tradição escrita, tanto no italiano como nas outras línguas modernas (Bartoli Langeli, 2000, p.18)⁴. Os povos germânicos que se instalaram após a queda de Roma não impuseram sua língua, ao contrário, assumiram a cultura local e aos poucos foram tornando-se bilíngues e deixaram de usar sua língua materna.

Fu paradossalmente una popolazione germanica, con la sua rinuncia alla tradizione orale e alla lingua nazionale a sanzionare in Italia lo statuto assoluto della scrittura e della lingua latina, facendola convivere con una lingua parlata ad essa molto vicina (quel volgare era, tra le lingue romanze il più fedele al latino) (Ibidem, p.20).

⁴ Houve tentativas com outros alfabetos, como alguns textos judaico-italianos do século XIII escritos com caracteres hebraicos.

Bruno Migliorini aprofunda sua análise do modo como provavelmente se deu esse processo, que fora, sobretudo, atingido pela conquista franca que acabara servindo de catalisador da “romanização linguística”:

I Longobardi dei ceti meno alti entrarono in rapporti sempre più stretti coi Romani con cui convivevano; quelli dei ceti più alti si trovarono sì a dividere i “servi” e gli “armenti” con i Franchi che erano sopravvenuti, in numero non grande ma favoriti dalla protezione regia: ma la romanizzazione dei Franchi era già così avanzata che è da presumere che abbiano trovato più comodo per intendersi adoperare una specie di latino intriso di volgarismi romanzi, piuttosto che di quel poco che ormai dovevano possedere delle loro rispettive lingue germaniche(MIGLIORINI, 1987, p.53).

Migliorini também aponta que, desde o Humanismo, os estudiosos debatem o problema do papel que desempenharam os germânicos na alteração do latim e na formação dos vulgares. Mais do que influxos linguísticos, há que se considerar o peso dos acontecimentos históricos: o estado de anarquia ou desordem provocou o aprofundamento da distância entre a língua falada e a língua escrita, dando origem aos dialetos⁵. (Ibidem, p. 67).

Se, na fala, os vulgares foram se estabelecendo na medida em que as comunidades se encastelavam, o latim permaneceu por muito tempo dominando a escrita, a *Grammatica*.⁶ Esses novos falares eram vistos como manifestações inferiores.

Qual foi, então, o momento em que alguns escritores fizeram registros em uma língua que não podia mais ser considerada latina?

Alguns dos primeiros testemunhos podem ser reunidos no quadro⁷ que segue:

⁵ Na origem dos dialetos estão as variantes de latim falados nas diferentes regiões do Império Romano e, sobretudo, após a dissolução deste.

⁶ Ressaltamos o papel da igreja na conservação da latinidade. Cf. Ernesto Galli dalla Loggia, a proximidade com a Sede apostólica e a grande difusão capilar da organização eclesiástica permitiu que o latim continuasse sendo utilizado por muito tempo nas chancelarias, nos tribunais e na instrução superior. DALLA LOGGIA, Ernesto Galli. *L'identità italiana*. Bologna: il Mulino, 1998, p.39

⁷ Informações extraídas de BARTOLI LANGELI *op. cit*, pp13-14. As traduções para o português são minhas.

Documento/ Autor	Século	Vulgares	Italiano	Português
<i>Indovinello Veronese/ Copista</i>	VIII	Se pareba boves alba pratalia araba et albo versorio teneba et negro semen seminaba.	C'era una volta un bue/ bianchi prati arava/ e bianco aratro teneva e nero seme seminava.	Era uma vez um boi que arava brancos prados e puxava um arado branco e semeava negra semente.
<i>Graffito della Catacomba di Commodilla/ Sacerdote</i>	IX	Non dicere ille secrita abboce	Non dire (que)i <i>Segreti</i> a voce alta.	Não digas os <i>Secreta</i> ⁸ em voz alta.
<i>Placito Capuano/ Notário</i>	X	Sao ko kelle terre per kelle fini que ki contene trenta anni le possette parte Sanct benedicti [...]	So che quelle terre, entro quei confini che qui sono contenuti [nella carta] per trenta anni le ha avuto in possesso la parte [cioè il monastero] ⁹ di San Benedetto.	Sei que aquelas terras até as divisas que aqui estão registradas [no papel] por trinta anos as tiveram em posse o monastério de San Benedito.

O primeiro documento não se trata de uma aparente cantilena de um vaqueiro, mas de uma charada que alude ao ato de escrever: os brancos prados são o papel e a negra semente a tinta. A chave para a solução do enigma foi concedida por uma estudante do curso de Vincenzo de Bartholomaeis que lembrou de uma canção, o *Ritmo de Verona* (MARAZZINI, 1994, pp. 151-152).¹⁰

O grafite da Catacumba de Commodilla é um registro de língua falada com traços latinizantes. A interpretação mais aceita pelos estudiosos é de que era uma espécie de convite aos sacerdotes para pronunciar em voz baixa orações que anteriormente se diziam em voz alta.

O Placito¹¹ Capuano é considerado a certidão de nascimento da língua italiana por se tratar do primeiro documento “oficial” escrito em um vulgar italiano. Além disso, o escrivão apresentou consciência da separação entre latim e

⁸ *Secreta* é a oração, dita em voz baixa pelo sacerdote, que encerra o ofertório durante a missa.

⁹ Tradução para o italiano de: *Storia della letteratura italiana*, a cura di E. Cecchi e N. Sapegno, *Le origini e il Duecento*, Milano, Garzanti, 1965.

¹⁰ Semelhante ao usado por Pascoli: *Scrive[...]: ara bel bello/guida l'aratro con la mano lenta/ semina col suo piccolo marrello/ il campo è bianco nera la sementa*. Cf. MARAZZINI, Claudio. *La Lingua Italiana. Profilo storico*. Bologna: Il Mulino, 1994.

¹¹ *Placito* é uma sentença escrita.

italiano, pois o documento é todo em latim nas formas jurídicas, mas a transcrição dos testemunhos é feita em vulgar. Na contenda entre a Abadia e um nobre de nome Rodelgrimo d' Aquino, aquela levou a melhor, pois o advogado alegou o que hoje chamamos *uso capião* (MARAZZINI, 1994, p.160).

E quando podemos falar de uso da língua vulgar e não mais do latim na literatura, isto é, para fins de uso artístico e elaborado da língua escrita?

Diferentemente da França, por exemplo, onde, por volta de 1100, as canções trovadorescas floresceram na literatura em Língua d'oc e d'oïl, na Itália o desenvolvimento da literatura em vulgar foi posterior, no século XIII. Segundo Migliorini, grandes poetas teriam surgido até mesmo em latim se houvesse tido um clima propício ao desenvolvimento desse tipo de arte da palavra. Fator mais determinante que o já reconhecido prestígio do latim é a constatação de que os esforços estavam sendo empregados em outra direção:

Invece, questo secolo rivolsse la sua poiesi all'azione: creò il Comune, fondò colonie oltre mare, tra le arti predilesse la più pratica, l'architettura. Ai giuristi bolognesi che fondarono il nuovo diritto, non poteva nemmeno passare per il capo di servirsi del volgare, sia per la continuità che essi andavano restaurando con il diritto romano, sia perché il loro orizzonte non era locale o nazionale, ma si apriva a tutta l'Europa civile. (MIGLIORINI, 1987, p. 86).

Bartoli Langeli (2000, p.19) faz um exercício de história “contrafactual” ao comentar sobre os godos, os ostrogodos e os lombardos. Segundo esse autor, se aqueles tivessem imposto, além de sua força, a sua língua, o italiano possivelmente seria uma língua germânica e as antologias da literatura italiana iniciariam como as outras línguas europeias pelo gênero da Épica¹².

¹² Tem um ditado italiano que diz: “*Coi se e coi ma la storia non si fa*”. Embora os historiadores condenem esse tipo de raciocínio, acredito que seja válido enquanto exercício filosófico. Esta suposição de Bartoli Langeli é baseada no fato de, entre os séculos V e VI, os godos terem mantido um centro de tradução em sua própria língua em Ravenna. Todavia, como foram derrotados pelos bizantinos e os lombardos que vieram na sequência adotaram o latim, a literatura em vulgar levou mais tempo para surgir na Península.

Somente nos séculos XI e XII encontramos algumas manifestações que já podemos considerar literárias, embora ainda não apresentem a impressionante qualidade e prestígio que veio a ter depois em toda a Itália a obra de um Dante Alighieri.

Um grupo social particularmente envolvido nessa questão era o dos trovadores e menestrelis, cujo trabalho era divertir com a palavra tanto ricos quanto pobres. Os *giullari* precisavam se fazer entender buscando sempre se aproximar da fala local. Temos registros de clérigos andarilhos (*giullari di Dio*), dotados de certa cultura que buscavam fazer versos edificantes. O exemplo mais antigo é o *Ritmo Laurenziano* no qual o poeta recita versos octonários escritos na última página de um Martirológio (MIGLIORINI, 1987, p.104).¹³ Mais elaborados na forma como também do ponto de vista da moral, encontramos o *Ritmo de Sant' Alessio* (Século XII) e o *Ritmo Cassinese* (em princípios do XIII). Fazem também parte dessa época ritmos históricos, versos didáticos e sermões bem como outros escritos, recordações, cartas e inscrições.¹⁴

Todavia, era ainda bastante apreciada em muitas partes da Itália a lírica cortês em língua provençal. Um destes trovadores, Rambaldo de Vaqueiras, escreveu também alguns versos em vulgar italiano. O tema que apresenta é o de uma mulher do povo que refuta com veemência um cavaleiro. Este fala em provençal e aquela em um genovês “literário”:

Rambaldo visse a lungo in Italia come poeta di corte (e poi valente guerriero) presso Guglielmo III e Bonifacio di Monferrato; ma egli era un poeta provenzale e non un dialettologo moderno: il valore di questo testo consiste non tanto nel carattere documentario, che non potrebbe avere, quanto nello sforzo del poeta di adattare un dialetto non scritto (e nel sottofondo, i tanti altri dialetti che avrà sentiti in Italia) agli schemi linguistici e letterari della fiorentina cultura provenzale. Ne è risultato un testo assai misto (MIGLIORINI, op. cit. p. 109).

Para que o vulgar entrasse de fato na história da literatura, era preciso, de acordo com Marazzini (1994, p.173), o seu reconhecimento por um grupo de

¹³ *Ritmo* é uma composição caracterizada pela oposição entre sílabas tônicas e átonas.

¹⁴ Devido ao escopo dessa introdução que visa ser geral, não trataremos de forma detalhada esses escritos.

autores socialmente colocados em uma posição de relevo. No século XIII, a primeira escola literária italiana situada na corte do Imperador Frederico II (1194-1250)¹⁵ no sul da Itália, passando à história da literatura como *Scuola Siciliana*¹⁶. A sua corte era um ambiente muito refinado e internacional da qual faziam parte ministros, alto funcionários, que em sua maioria não eram - assim como o monarca - de origem siciliana.

Então por que siciliana? Inicialmente imitando a poesia em provençal, os autores dessa escola inovaram substituindo a língua d'oc pelo vulgar siciliano. Para ter-se ideia do impacto dessa iniciativa, o soneto é invenção de um desses autores, Giacomo da Lentini. O próprio Imperador Frederico também compôs alguns versos em vulgar siciliano. Profundo conhecedor do latim, (língua na qual, inclusive, o imperador redigiu um tratado sobre a arte de adestrar falcões) a adequação formal e o refinamento do vulgar siciliano foram, possivelmente, as principais motivações para a sua adoção por Frederico e sua corte, além do fato de possuir um bom desempenho na temática amorosa.

No entanto, esta experiência durou apenas mais uma geração. Com o fim da corte sueca, esta experiência deslocou-se da Sicília ao continente:

Non toccò in sorte, a questa poesia sbocciata nella corte federiciana, di avere un gran poeta; e con la morte di Federico e poi Manfredi sparì anche quell'alto ma ristretto ambiente in cui era fiorita. Ma l'esperimento era stato nobile e bello, ed era piaciuto molto sul continente: se scompare la corte sveva, e tacciono in Sicilia e nell'Italia meridionale le note di quella poesia, altri nella borghesia comunale toscana e bolognese hanno ormai raccolto l'eredità. Non solo le esperienze tecniche non vanno perdute: ma ciò che più c'importa in questa sede, la poesia della prima scuola ha anche una notevole efficacia linguistica sulle scuole successive. (MIGLIORINI, 1987, p. 124)

O que ocorreu foi o fenômeno conhecido como decalque: sob o molde provençal houve a recriação em dialeto siciliano. O interessante é como essa herança chegou à área toscana ocidental (Arezzo, Pisa, Pistoia, Siena, Firenze etc) e a Bolonha, onde os copistas - em seu incessante trabalho de recriação -

¹⁵ Rei do Sacro Império Romano-Germânico, conhecido na Itália como Federico II di Svevia.

¹⁶ O centro do Reino de Frederico era a corte da Sicília, conforme Dante explica no *De Vulgari Eloquentia* 1.12.

toscanizaram muitos desses poemas. Dessa maneira, o vulgar adotado foi se alterando, embora tenham persistido ainda muitos termos sicilianos, bem como galicismos¹⁷.

Além da poesia (também religiosa como a de Francesco da Assisi), surgiu a prosa literária, com o *Novellino*.¹⁸ Ainda que seja um texto narrativo bastante interessante e original, este último é considerado ainda muito rudimentar do ponto de vista sintático¹⁹.

Devemos, ainda, ressaltar o uso do francês, na composição original do *Milione* de Marco Polo²⁰, ditado a Rustichello da Pisa em 1298 e outras obras como a de Aldobrandino da Siena (*Le regime du corps*), Brunetto Martini (*Li livres dou tresor*), Martino da Canal (*Les stories de Venise*).

O “paradigma de beleza e nobreza” (MIGLIORINI, 1987, p. 122) viria com Dante, Petrarca e Boccaccio²¹. Para Marazzini,

Il successo della *Commedia* fu il cavallo di Troia del successo della lingua toscana[...]. Il toscano iniziò così la sua espansione, destinata a completarsi nel giro di alcuni secoli. Il processo fu reso irreversibile da una serie di circostanze eccezionali, prima di tutto dal fatto che nello stesso trecento altri due autori toscani produssero opere scritte in fiorentino, degne di suscitare la massima ammirazione dei lettori di tutt'Italia: il *Canzoniere* di Petrarca e il *Decameron* di Boccaccio[...] (MARAZZINI, 1994, p.192).

¹⁷ Por muito tempo os intelectuais e poetas que se voltaram à história da língua italiana acreditaram que a língua dessa Escola teria se originado numa língua ilustre comum a toda a Itália. Com o fim da corte de Frederico, grande parte das obras ali produzidas acabou se perdendo restando apenas as cópias de toscanos. Foi Galvani, um filólogo da segunda metade do XIX, que seguiu a pista deixada por Giovanni Maria Barbieri, um estudioso de provençal do século XVI. Este relatou ter tido acesso a um livro que continha as poesias em siciliano. Este foi um dos debates mais importantes da tradição literária italiana. (MARAZZINI, op. cit., p.176).

¹⁸ Coleção de textos em prosa em vulgar toscano de cerca 1220.

¹⁹ Do ponto de vista da prosa teórica, Dante escreveu nesse período um livro em latim e outro em vulgar. O primeiro é um ensaio sobre a língua e a poesia em vulgar, o notável *De Vulgaris Eloquentia*, apresentado acima. O livro em vulgar se chama o *Convívio*, no qual Dante celebra o vulgar como um “novo sol” que brilhará no lugar do latim para aqueles que não têm o conhecimento deste último. Cf. MARAZZINI, op. cit., p.182.

²⁰ *Milione* é o nome com o qual ficou conhecido na tradução para o vulgar. O título em francês era *Divisament dou monde*.

²¹ Conhecidos como “le tre corone” da língua italiana, isto é, os três grandes literatos fundadores. Nas representações portam a coroa de louros, símbolo de distinção e grandeza desde a Antiguidade.

Não foi apenas a qualidade das obras que contribuiu para sua expansão. Além do fato de Firenze ser um grande centro mercantil, a língua florentina apresentava muitas potencialidades: ocupava uma posição intermediária entre os vulgares do norte e do sul da Itália, pois era bastante semelhante ao latim.

Conforme Marazzini²², o plurilinguismo é a marca da poética de Dante na *Commedia*. Impressiona a liberdade com a qual Dante articulou termos e construções frasais inspiradas na literatura latina, termos toscanos, mas também do norte da Península, da língua popular, os estrangeirismos e neologismos, enfim, tudo articulado de acordo com as necessidades da narrativa.

A divulgação oral e popular da *Commedia* contribui para a afirmação do florentino em outras áreas, sobretudo na vêneto-emiliana que hospedou Dante durante o exílio (MORGANA, 2010, p.35).

O *Canzoniere* de Petrarca é dominado pela seletividade. Mesmo assim, acolheu um número considerável de variantes como o toscano, formas latinizadas, o siciliano e o provençal. Inserindo-se, desse modo, na tradição refinada do jogo poético dos sicilianos sob a mediação de Dante. De acordo com Morgana:

Attraverso l'elaborazione linguistica del *Canzoniere*, Petrarca svolge un ruolo di strenua nobilitazione letteraria del fiorentino, di cui scarta ogni elemento basso e municipale.[...] Il *Canzoniere* petrarchesco fornì in tal modo un modello linguistico alto e selettivo, acquistando un valore esemplare e paradigmatico (MORGANA, 2010, p.35-36).

A prosa de Boccaccio no *Decameron*, que se dirigia a um público amplo, formado por mercadores e mulheres, oferecia um conjunto complexo de situações a ponto de, no século XV, ser considerada pelo intelectual vêneto, Pietro Bembo, o modelo de prosa a ser seguido, principalmente o estilo empregado nas novelas trágicas da X *Giornata*. Nestas, Boccaccio elaborou uma sintaxe complexa, de inspiração latina, com amplos períodos nos quais se acumulam subordinadas que precedem a proposição principal situada ao final; com o uso de nexos conectivos,

²² A análise das três grandes obras do *Trecento* que se segue é um resumo das informações trazidas por Marazzini, *op. cit.* e de MORGANA, S. *Breve Storia della lingua italiana*. Roma: Carocci, 2010.

inversões e separações de elementos sintáticos e frasais, verbo no final, etc. (MORGANA, 2010, p. 37).

No entanto, não há uniformidade na escrita de Boccaccio, e Pietro Bembo elegeu apenas um de seus estilos:

[...] il periodare boccacciano che divenne canonico era, sì, presente nel Decameron, ma il Decameron stesso offriva in molte sue parti modelli ben differenti, che però non riscossero lo stesso successo (MARAZZINI, 1994, p. 200).

As repetições de pronomes, anacolutos e o *che* polivalente, por exemplo, soaram desagradáveis aos gramáticos do *Cinquecento*. O trabalho de seleção operado por Bembo em sua obra *Prose della Volgar Lingua* marcará profundamente o destino da escrita italiana.

2 Do mistilinguismo humanista à *Questione della lingua*

Antes de chegarmos à questão da língua propriamente dita, é preciso situar o período imediatamente anterior. No *Quattrocento*, considerado por muitos estudiosos o “século sem poeta” (MIGLIORINI, 1987, p. 223), havia duas posturas em relação ao vulgar enquanto possível língua literária. Inicialmente imperava o latim, mas não o tradicional das escolas (o qual os humanistas denominavam *fratesco*) e sim aquele dos clássicos antigos como Cícero, Lívio, Sêneca e Virgílio. Petrarca havia deixado um legado inestimável, pois resgatara inúmeras obras latinas, tornando-se, inclusive, um dos precursores da filologia.

Para Migliorini, foi justamente essa fonte clássica que proporcionou a homens como Dante, Petrarca e Boccaccio a possibilidade de criar uma nova concepção da cultura. Portanto, sobretudo Petrarca e Boccaccio estão situados nas origens do Humanismo que atingiu grande expressividade na Itália e em outros países europeus durante o Renascimento²³.

A primeira geração de humanistas não utilizava o vulgar. Foi o caso de Coluccio Salutati (1331-1406), chanceler florentino que difundiu seu estilo ciceroniano. Contudo, um outro estudioso, Leonardo Bruni (1374-1444), tinha uma visão bastante positiva do vulgar. Como grande admirador de Dante, afirmava que cada língua tem a sua perfeição desde que o autor tenha qualidade em suas realizações (MARAZZINI, 1994, p. 208). Logo, o florentino deveria retomar sua escalada como língua literária digna de prestígio. Bruni pode ser considerado um dos precursores do chamado *Humanismo Vulgar Florentino* de Leon Battista Alberti.

²³ A tese segundo a qual Petrarca teria sido o primeiro humanista foi contestada por Sabbadini que atribuiu ao norte da Itália e da Europa no século XIV o início da filologia humanista. Cf. Verbetes “Umanesimo” da Enciclopédia italiana. Disponível em: http://www.treccani.it/enciclopedia/umanesimo_%28Enciclopedia-Italiana%29/

Buscando ampliar o uso do vulgar, a Alberti se deve uma gramática do toscano, composta por volta de 1440 que veio a público apenas no século XX.²⁴ Baseada no florentino de seu tempo é a *primeira gramática de uma língua moderna* (MORGANA, 2010, p. 44).

No entanto, são muitos os testemunhos escritos do *Quattrocento* e não necessariamente literários. No uso prático do dia a dia, mercadores, pregadores, escritores, religiosos e técnicos, embora considerados iletrados (por não dominarem a gramática latina), utilizavam-se do vulgar na produção de diários, livros de família, etc. Burgueses e nobres produziram inúmeras autobiografias, não apenas homens, mas também mulheres: é o surgimento da noção de indivíduo, do retrato da intimidade e da vida privada, frutos da ascensão da burguesia.

Este vulgar era muitas vezes mesclado a termos latinos (*mistilinguismo*). Nas diferentes regiões da Itália foi ocorrendo aos poucos a perda progressiva de elementos linguísticos muito locais e manteve-se a tendência a um “verniz” latino e toscano nos diferentes vulgares a ponto de desenvolverem-se *koinés* regionais e supraregionais.²⁵ Já comentamos um pouco o papel da chancelaria de Florença no caso da difusão do latim no início do século. Ao final deste, em cada uma das cortes se desenvolveu uma *koiné* que era usada na troca de informações entre as mesmas.

Houve também aplicação literária conscientemente adotada dessa língua mista: os tipos de escrita *maccheronica* e *poliflesca*. Elevada a um alto nível literário por Teofilo Folengo, a poesia *maccheronica* tinha finalidade cômica e de paródia. A métrica e a estrutura linguística eram do latim, nas quais eram inseridos termos do vulgar, palavras e sintagmas baixos e populares com desinências latinas. O estilo *poliflesco* se fundamentava em um vulgar de nível

²⁴ Segundo Bartoli Langeli, a primazia da gramática de Alberti é “inútil e secreta”, uma vez que talvez tenha um único manuscrito, mas é provável que Pietro Bembo e Gian Giorgio Trissino a tenham conhecido (BARTOLI LANGELI, 2000, p. 84).

²⁵ *Orlando Furioso*, de Matteo Maria Boiardo, é um exemplo de *koiné* setentrional de fins do século XV.

mais elevado no processo de latinização, crivado de preciosismos lexicais (MORGANA, op. cit, p. 41-42).

O momento de experimentação linguística que atinge seu auge na virada dos séculos XV ao XVI sofre uma reviravolta em meados do *Cinquecento*. Esse período foi marcado por muitos conflitos entre os estados peninsulares que não permitiam a unidade necessária para evitar a perda de territórios disputados por França e Espanha, contribuindo, assim, para uma maior desagregação social e política. Neste momento de maior fragmentação política emergiu a necessidade de uma unificação ao menos cultural, ensejando a busca de parâmetros para a escrita (FERRONI, 2002, p.63).²⁶ O contato cada vez maior com os clássicos mostrou a necessidade de regras mais definidas para a escrita em vulgar, de uma gramática.

Com a invenção da imprensa, em 1455, esse processo de uniformização se intensificou:

Quando gli editori cominciano a produrre centinaia o migliaia d'esemplari a stampa, si preoccupano di essere compresi dal loro pubblico e di non urtarne il gusto. Da principio il tipografo non fa che affidare al compositore un manoscritto che gli capita in mano; ma poi si manifesta necessaria l'opera di correttori e quest'opera assumerà tanto maggiore importanza quanto più il gusto generale prenderà forme precise. Il correttore della tipografia piuttosto che curare che il libro a stampa riesca conforme al volere dell'autore (preoccupazione che solo modernamente si è affermata) pensa a presentarlo con un aspetto grammaticale corretto e coerente e con parole largamente intelligibili (MIGLIORINI, 1987, p. 230).

Foi a colaboração entre o mais importante editor do Renascimento, Aldo Manuzio, e o literato veneziano Pietro Bembo que dinamizou esse processo já em curso. Em 1501, publicam *Le cose volgari* de Petrarca e, em 1502, a *Commedia* de Dante, ambas revisadas por Bembo. Em 1505, Bembo publica o diálogo amoroso-filosófico *Gli Asolani*, no qual já é possível ver sua tendência de substituir as formas venezianas e inspiradas no latim pelo florentino boccacciano.

²⁶ FERRONI, Giulio. *Storia e testi della letteratura italiana*. Milano: Mondadori, 2002.

Com o advento da imprensa, esse processo caminhou em três direções principais (MORGANA, 2010, p.46):

1. Uniformizou-se a práxis gráfica;
2. A língua literária se tornou canal de difusão da norma gramatical;
3. Impôs-se um modelo linguístico fundado na escrita.

Bembo preconizava que essa uniformização fosse conforme à língua toscana dos grandes autores do *Trecento*, mas nem todos os intelectuais concordavam que a substituir o latim fosse o vulgar ilustre tosco-florentino *trecentesco*. Tem início a famosa *Questione della Lingua*

Forse in nessun altro secolo il dibattito teorico sulla lingua ebbe tanta importanza come nel Cinquecento, anche perché l'esito di queste discussioni fu la stabilizzazione normativa dell'italiano. La 'questione della lingua', cioè l'interminabile serie di discussioni sulla natura del volgare e sul nome da attribuirgli, non va intesa come un'oziosa diatriba di letterati, ma come un momento determinante, in cui teorie estetico-letterarie si collegano ad un progetto concreto di sviluppo delle lettere (MARAZZINI, 1994, p.237).

Chegando ao *Cinquecento*, iniciaremos o percurso da Questão da Língua, pela análise da influência de Pietro Bembo.

2.1 Pietro Bembo: Boccaccio modelo de prosa; Petrarca, de poesia

Nascido em 1470 em uma rica família da aristocracia veneziana, Bembo teve uma educação fortemente literária e filosófica. Desde muito cedo acompanhou o pai em viagens oficiais pela República de Veneza, entrando em contato com escritores e *gentiluomini* de várias partes da Itália, como as cortes da Sicília e de Ferrara, o que certamente ampliou seus conhecimentos e sedimentou a sua vocação para a literatura e a filologia, tanto latina quanto vulgar.

Conforme Ferroni (2002, p. 64), Bembo teve uma vida animada por amores fortes e secretos e foi justamente a obra os *Asolani* a produção literária dessa fase. Acima, já comentamos um pouco sobre a língua utilizada nessa obra. Era composta de três livros em prosa, ambientados em Asolo nas colinas de Treviso:

Lo sfondo mondano del dialogo (anche gli spunti tratti dalla filosofia platonica dell'amore sono usati in una chiave tutta mondana) si ispira all'elegante conversazione della brigata del *Decameron*; e anche dal punto di vista linguistico il Bembo cerca di ricalcare la sua prosa su quella del Boccaccio. I diversi aspetti dell'esperienza amorosa sono presentati con immagini eleganti e misurate, in cui poteva riconoscersi una società cortigiana che affermava la propria dignità culturale proprio attribuendo un particolare spazio al conversare d'amore e al rapporto con le donne: il libro ebbe perciò grandissimo successo nella società aristocratica di quegli anni (FERRONI, 2002, p. 65).

No período em que esteve na Corte de Urbino, sob o Duque Guidobaldo da Montefeltro e depois sob Francesco Maria della Rovere, convivendo com *nobildonne* como as irmãs duquesas Elisabetta e Eleonora Gonzaga e personagens como Baldassare Castiglione, Giuliano de' Medici e Bernardo Dovizi da Bibbiena, começou a escrever sua obra mais importante do ponto de vista da língua italiana: *Prose della Volgar Lingua* (1525).

Bembo já havia travado um contato direto com as obras de Petrarca e Dante para as edições em caracteres alfinos publicados por Manuzio²⁷ e conhecia muito bem a linguagem dos escritores *trecenteschi*. Conforme já mencionado, Dante fora excluído dos modelos de escrita, pois, para Bembo, havia muitos termos humildes, dialetais, isto é, usava uma língua muito heterogênea.

Trata-se de um Diálogo em três livros, situado de forma fictícia em Veneza, no ano de 1502²⁸. No primeiro, Bembo trata das origens da literatura vulgar e da influência dos provençais. Em seguida, fala sobre as diferenças nos vulgares italianos e das opiniões de Calmeta sobre a língua cortesã. O terceiro livro é uma gramática, mas também se encontra em forma dialógica. Todavia, podemos através dela, segundo Marazzini, ter acesso a uma série de normas e regras com as quais podemos traçar um perfil de Bembo.

²⁷ Tipo de fonte cursiva com a qual Manuzio publicou várias obras, que se assemelha ao itálico de hoje. Cf. MARAZZINI, 1994, p. 236.

²⁸ Para tentar colocar-se como pioneiro no debate da questão da língua, Bembo situou o diálogo anteriormente à publicação das *Regole Grammaticali della volgar lingua* de Giovan Francesco Fortunio, publicadas em Ancona (1516), Milão (1517) e Veneza (1518) a primeira gramática *impressa* em vulgar. É importante também informar que os dois primeiros livros já estavam prontos em 1512, mas foram impressos mais tarde.

São quatro personagens, cada um defendendo uma tese diferente: Giuliano de' Medici (filho de Lorenzo, o Magnífico) se mostra como linha de continuidade com o humanismo vulgar; Federico Fregoso expõe teses históricas; Ercole Strozzi, adversário do vulgar, defende o latim, e, por fim, Carlo Bembo, o irmão do autor, representa as ideias deste último.

Já no início das *Prose*, Bembo argumenta que não é possível escolher um dos vulgares falados no momento contemporâneo para ser a língua escrita dos italianos:

Ora che, qualunque si sia di ciò la cagione, essere il vediamo così diverso, che non solamente in ogni general provincia propriamente e partitamente dall'altre generali province si favella diversamente, e oltre acciò esse stesse favelle così diverse, alterando si vanno e mutando di giorno in giorno, maravigliosa cosa è a sentire quanta variazione è oggi nella vulgar lingua pur solamente, con la qual noi e gli altri Italiani parliamo, e quanto è malagevole lo eleggere e trarne quello esempio, con quale più tosto formar si debbano e fuori mandarne le scritture (BEMBO, 1966 p. 2).²⁹

Ou seja, embora ele admire os diferentes falares, segundo ele, optar por um em detrimento dos outros não seria praticável. Isto porque, para Bembo, o ato de escrita deve estar vinculado a uma tradição textual que remonta ao século XIV. Essa postura expressa o seu refinamento humanístico, seu ideal rigorosamente classicista de culto ao passado (MARAZZINI, 1994, p. 238-239).

E Bembo continua, enfatizando que o vulgar florentino é uma língua completa:

Il che avviene perciò, che quantunque di trecento anni e più adietro infino a questo tempo, e in verso e in prosa, molte cose siano state in questa lingua scritte da molti scrittori, sí non si vede ancora chi delle leggi e regole dello scrivere abbia scritto bastevolmente (ibidem, p. 2).

Muito interessantes são as reflexões que Bembo atribuiu a Giuliano de' Medici, a propósito do desenvolvimento do latim em comparação com a língua grega e, por analogia, do florentino em relação ao latim:

²⁹ BEMBO, Pietro. *Prose della vulgar lingua*. Torino: Einaudi. Biblioteca della Letteratura Italiana, 1966.

E allora la greca lingua piú degni e riverendi scrittori avea e in maggior numero che non avea la latina, e ora la latina medesimamente molti piú avere se ne vede di gran lunga e piú onorati che non ha la volgare. Ma non per tutto vi si concederà, che sempre nella piú degna lingua si debba scrivere piú tosto che nella meno. Perciò che se questa regola dovessero gli antichi uomini considerazione e risguardo avere avuto, né i Romani avrebbero giamai scritto nella latina favella, ma nella greca (ibidem, p.3).

O argumento se baseia - como já tivemos oportunidade de enfatizar - na tradição escrita. A língua grega era admirada pelos romanos que, mesmo assim, não deixaram de aprimorar o latim que se tornou grande língua literária. O mesmo se daria com o vulgar florentino que possuía uma excelente tradição escrita.

O diálogo continua na exploração das causas do nascimento da língua italiana e o que ela tomou de empréstimo dos provençais e sicilianos.

No segundo livro, Bembo parte da seguinte pergunta: *com qual língua se pode escrever de forma mais conveniente e fácil do que com aquela na qual refletimos?* (BEMBO, op. cit. p.45-46)³⁰ O debate se estabelece na busca dos melhores vocábulos para a língua dos italianos:

Da sciegliere adunque sono le voci, se di materia grande si ragiona, gravi, alte, sonanti, apparenti, luminose; se di bassa e volgare, lievi, piane, dimesse, popolari, chete; se di mezzana tra queste due, medesimamente con voci mezzane e temperate, e le quali meno all'uno e all'altro pieghino di questi due termini che si può (ibidem, p.50-51).

É nesse ponto que Dante é deixado à parte devido aos termos mais “rústicos e desonrosos”.

E il vostro Dante, Giuliano, quando volle far comperazione degli scabbiosi, meglio avrebbe fatto ad aver del tutto quelle comperazione taciute, che a scriverle nella maniera che elle fece (ibidem, p.52).³¹

³⁰ “Con quale lingua scrivere piú convenevolmente si può e piú agevolmente, che con quella con la quale ragioniamo?”

³¹ Aqui há uma referência direta ao Canto 29 da *Commedia*, na qual Dante expõe o prurido eterno causado pela sarna nos pecadores daquele círculo.

Mais um exemplo: Dante também é criticado por ter utilizado o termo *biscazza*, uma palavra “dura” e “desagradável”, segundo Bembo, que considera que teria sido melhor usar “consuma” ou “disperde”. O termo é relativo a um tipo de jogo de azar.³² Vejamos o trecho da *Commedia* ao qual ele se refere:

E però nel secondo,
Giron convien che senza pro si penta
Qualunque priva sè del vostro mondo,
Biscazza e fonde la sua facultade
E piange là, dove esser dee giocondo.
(Inferno, Canto 11, vv 44)

É no segundo livro também que discute o cuidado com o som e o número (ritmo); a distribuição das rimas nos versos; a posição das sílabas tônicas e termos arcaicos (MIGLIORINI,1987, p.311). O terceiro livro é uma gramática, comentada por Giuliano, com exemplos de Petrarca e Boccaccio, claro, mas também de Dante e de alguns poetas do *Duecento*.

É importante ressaltar que Bembo utiliza, indiscriminadamente, os termos florentino, toscano e vulgar, pois ainda não estava colocado o debate do vicentino Gian Giorgio Trissino que será a favor do adjetivo *italiana* e não *toscana* para a língua. No próximo capítulo veremos o que ele entende por uma e outra.

Conforme Marazzini (1994, p. 239), a solução de Bembo foi a vencedora do debate, pois formalizava com rigor teórico o que já vinha ocorrendo na prática, isto é, o vulgar como língua literária baseada na imitação dos clássicos do século XIV. Em pleno Classicismo, no qual o culto ao passado era uma prerrogativa, dificilmente poderia ter havido outro modelo vencedor.

³² Do verbo *biscazzare*, que deriva de *biscazza*, jogo de azar. Conforme o TLIO – Tesoro della língua italiana delle origini. Disponível em: <http://tlio.ovi.cnr.it/TLIO/>. Consulta em 31/12/17.

3 As Teorias concorrentes do Classicismo Vulgar de Bembo

3.1 Lingua Cortigiana

Riccardo Drusi, repassando a historiografia de estudos da língua cortigiana romana teorizada no *Cinquecento*, recorda o pioneiro Pio Rajna, que, em 1901, afirmava que esta não era mais do que uma “sombra” ou “aparência” (*parvenza*) de língua. Essa visão é anti-histórica, na medida em que assumia como dado incontestado a primazia absoluta do florentino (DRUSI, 1995, p.7)³³.

Já o estudo realizado meio século depois por Folena³⁴, no âmbito da disciplina de História da Língua Italiana, demonstra que a língua *cortigiana* não era um fantasma, mas afirma que era mais difícil compreendermos a sua realidade efêmera e contraditória - como todas as possibilidades de um momento complexo que não chegam a se concluir. Para este estudioso, Castiglione e Trissino trabalhavam com elementos baseados no uso corrente e, de uma certa maneira, regidos por normas, e gozando de relativa estabilidade. Folena relacionou as ideias de Trissino aos diferentes vulgares ilustres supraregionais que remontam ao *Quattrocento*. Desta maneira, abriu caminho para uma série de estudos mais aprofundados das *koinés* do *Quattrocento*, conforme afirmado por Drusi:

Contributi di questo genere, restituendo il quadro linguistico quattrocentesco in tutta la sua plastica - diremo così - complessità, hanno suggerito di misurare con maggiore fiducia i rapporti intercorrenti fra consuetudini colte locali e idioma letterario di singoli autori, soprattutto precedenti la fissazione grammaticale cinquecentesca [...] ma, ancor più, hanno suggerito di cogliere nello spirito antimunicipalistico che quelle consuetudini colte animavano, e nella concreta realizzazione di queste ultime, i prodromi della teorizzazione cortigiana cinquecentesca (Ibidem, p. 8-9).

³³ DRUSI, Riccardo. *La lingua 'cortigiana romana': Note su un aspetto della questione cinquecentesca della lingua*. Cardo Editore: Venezia, 1995.

³⁴ FOLENA, G. *Premessa a testi non toscani del Quattrocento*. In: Folena e Migliorini (org.) Modena: Società Tipografica Modenese, 1953. Foi publicado novamente sob o título: *Il linguaggio del caos. Studi sul plurilinguismo rinascimentale*. Torino: Bollati Boringhieri, 1991.

Havia, portanto, tentativas de elevar as línguas a um nível além do municipal, nessa relação entre as línguas cultas faladas nas cortes e um idioma escrito para a literatura.

A língua *cortigiana* a que nos referimos principalmente neste trabalho é a romana, pois o *Cinquecento* é o século no qual os artistas se deslocavam para Roma, pois o papado com sua estrutura imperial conseguia fazer frente às potências estrangeiras, França e Espanha, reunindo recursos para incentivar as artes. No pontificado (1513-1521) de Leão X (1475-1521), filho de Lourenço de Médici, a atmosfera de luxo e sofisticação cultural de Roma atingiram níveis impressionantes e, no caso da língua, ajudaram a promover uma “toscanização” da mesma. Conforme Marazzini,

Nel Cinquecento, infatti, Roma era una città cosmopolita per eccellenza: la sua popolazione, essendo allora per quattro quinti non indigena, era molto esposta alla penetrazione di mode linguistiche determinate da quella corte papale, sempre più italiana, che, col Piccolomini prima e coi Medici poi, aveva visto crescere in particolare la presenza toscana. A Roma si realizzava quindi un fenomeno verificabile peraltro anche in altre corti: la circolazione di genti diverse favoriva il diffondersi di una lingua di conversazione superregionale di qualità alta, di base toscana, ma disponibile ad apporti diversi (MARAZZINI, 1994, p.239).

Antes de passarmos aos debatedores da questão da língua que sustentavam a língua cortesã, é preciso ampliar a questão das fontes de acesso a esta. Da língua *cortigiana romana*, não há textos escritos (literários ou não) que tenham nos chegado. Os testemunhos que temos são bastante indiretos, portanto. A própria nomenclatura *cortigiana romana* é conhecida graças à difusão que dela fez Pietro Bembo.

3.1.1 Vincenzo Colli (1460-1508)

Conhecido como o *Calmeta*, nasceu na ilha Quíos (Grécia), na qual o pai genovês exercia a magistratura³⁵. Entre 1490 e 1491, frequentou, em Roma, a

³⁵ A dominação genovesa em Quíos durou do século XIII até 1566.

Academia de Paolo Cortesi, amigo do poeta Serafino Ciminelli, do qual Calmeta escreveu uma biografia crítica.

Foi secretário de Beatrice D'Este a quem dedicou um poema (*Triumph*). Posteriormente, fez parte da corte de Cesare Borgia, filho do papa Alexandre, acompanhando-o em inúmeras viagens. Por volta de 1503 se mudou para Urbino, trabalhando para Ercole Pio e depois Francesco Maria Della Rovere.

Escreveu um tratado de nove livros, hoje perdidos, intitulado *Della Volgar Poesia*. Conhecemos suas ideias através de Pietro Bembo, que teve a oportunidade de discutir com ele em Urbino. Devido a algumas citações diretas, uma fonte um pouco mais completa é a de Lodovico Castelvetro. Mas vejamos primeiro como Bembo o descreve³⁶.

A primeira informação sobre o Calmeta nas *Prose* é a de que a língua falada na corte de Roma não é a língua de cada um dos cortesãos, que possuem origens diferentes, mas a forma de comunicação que seria uma mistura destas. Segundo Bembo, Calmeta teria comparado o desenvolvimento da língua da corte de Roma ao da língua grega. Essa teria sido a junção das línguas dórica, ática, jônica e eólica e teria mantido uma estrutura gramatical. Da mesma forma, a *cortigiana* romana é uma fusão de línguas que também pode ser gramaticalmente organizada (BEMBO, 1966, p.22).

Bembo critica essa ideia, inserindo no diálogo o gramático vêneto Trifon Gabriele. Este último teria argumentado que a língua *cortigiana* jamais poderia ser sistematizada, pois ela flutuaria conforme a nação de origem dos falantes da corte. Por exemplo, no papado de Alexandre, de origem espanhola (família Borgia), a língua teria adquirido tons ibéricos. O argumento final será colocado por Bembo na boca de Giuliano de' Medici: a língua romana não pode nem mesmo ser chamada de língua, pois ela não produziu nenhum texto escrito.

Contudo, é necessária uma análise crítica de parte das notícias de Bembo sobre as ideias de Calmeta. Na investigação de Drusi sobre a língua cortesã

³⁶ Embora Bembo possa ter exagerado um pouco nas descrições devido à convenção retórica de seu tratado.

romana, este pesquisador cotejou as informações de Bembo com as de Calmeta transmitidas por Castelvetro, e com as cartas de intelectuais muito próximos a Colli³⁷. Nesta documentação, Drusi não encontrou um Calmeta partidário da língua cortesã *ipsis litteris*, pelo contrário, este indicou a importância da língua florentina para a poesia.

Marazzini (1995, p. 239), seguindo também os passos de Castelvetro, afirma que Calmeta acatava a importância do florentino de Dante e Petrarca, mas esta língua deveria ser refinada através dos usos que dela se fazia na *corte* de Roma.

Mario Equicola foi o intelectual que defendeu fortemente a língua *cortesã* romana, ou melhor, *cortesiana*, como a nominava em suas obras.

3.1.2 Mario Equicola (1470-1525)

Natural de Alvito (Frosinone), provavelmente filho ilegítimo de Giampaolo Cantelmo, um dos mais ricos e poderosos barões napolitanos. Transferiu-se para Nápoles para estudar direito, mas não concluiu o curso. Nesta cidade participou da Academia de Pontano, poeta da corte aragonesa, onde frequentou o pintor Parrasio e o também poeta Sannazzaro. Com o pai tendo sido exilado, passou um período em Roma para estudar com o humanista e erudito Pomponio Leto, figura central da Accademia de Roma, e Giano Lascari, do Colégio Grego de Roma.

De família partidária da dinastia de Anjou em Nápoles, Equicola lutou contra Carlo VIII em sua conquista da parte meridional italiana. Transferiu-se a Ferrara, cidade na qual entrou em contato com o escritor Ariosto e com Bembo. Acompanhando Margherita Cantelmo, ele foi à Mântua em 1506, onde se tornou preceptor da marquesa Isabella D'Este, filha dos duques de Ferrara e esposa de Francisco II Gonzaga, Marquês de Mântua.

³⁷ Como Paolo Cortesi, e o Poliziano, por exemplo. Mas Drusi salienta que está claro levando em consideração a autonomia de Calmeta em relação a eles.

Escreveu muitas obras, inclusive um tratado (em latim) em que defendia a igualdade das mulheres (*De mulieribus*), dedicado à Margherita Cantelmo. Todavia, a obra que se destaca devido à discussão linguística foi o *Libro de Natura e de Amore*. Obteve muito sucesso, pelo número elevado de 14 edições, sendo também traduzido para o francês e provavelmente para o espanhol³⁸. O livro, provavelmente escrito entre 1506 e 1509, é dedicado a Isabella D'Este. Equicola atribuiu a redação da obra a Francisco Prudentio de Alvito, seu primo, provavelmente por temor dos críticos. A publicação da obra ocorreu em Veneza no ano de 1525.

Equicola não queria se limitar a imitar a língua toscana. Assim, como Castiglione, do qual trataremos a seguir, Equicola defendia o uso vivo da língua da corte. De acordo com Migliorini, em várias passagens do livro ele compara o falar florentino e o cortesão. Dá conselhos aos frequentadores das cortes sobre o modo de falar, como, por exemplo, evitar as formas plebeias do próprio dialeto, ater-se ao florentino apenas se estiver seguro de conhecê-lo bem, etc. (MIGLIORINI, 1987, p. 312).

Defendia, portanto, uma língua de características cultas, interregionais e latinizantes, aberta também às línguas estrangeiras (MORGANA, 2010, p. 48).

3.1.3. Baldassare Castiglione (1478-1529)

Dentre muitas qualidades, o cortesão deve atentar também a questão linguística. Na obra *Il Cortigiano*, Castiglione coloca como interlocutores do diálogo - situado em 1507 na cidade de Urbino - o conde Ludovico de Canossa, que interpreta as posições de Castiglione, Federico Fregoso que defende ideias semelhantes às de Bembo e alguns outros com menor participação, como Giuliano de' Medici e o Cardeal Bibbiena.

³⁸ Os dados biográficos foram extraídos da Enciclopedia Treccani. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/mario-equicola_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/mario-equicola_(Dizionario-Biografico)/) e [http://www.treccani.it/enciclopedia/mario-equicola_%28Enciclopedia Consultas em 08/01/2018.](http://www.treccani.it/enciclopedia/mario-equicola_%28Enciclopedia%20Consultas%20em%2008%2F01%2F2018%29)

De acordo com Migliorini, o cânone da língua de Castiglione é baseado no “bom gosto social”, isto é, o cortesão deve evitar um linguajar muito afetado. Canossa (Castiglione) sugere evitar os arcaísmos. Fregoso, ao contrário, defende que, na escrita, se devem usar palavras mais bonitas que na fala. Aconselha também, este último, ater-se ao uso de Petrarca e Boccaccio, para evitar as diferenças existentes entre as diversas cortes.

Canossa não é contrário ao uso do toscano *trecentesco*, mas defende limitar seu uso, dando preferência às palavras usadas naquele momento tanto na Toscana como em outros lugares da Itália. Assim como para Equicola, os estrangeirismos franceses e espanhóis podem ser usados conforme o costume já adotado nas cortes. Isto é, uma língua “*italiana, commune, copiosa e varia*”. (MIGLIORINI, 1987, p 314).

A propósito de língua com o qualificativo “italiana” devemos mencionar a proposta do vicentino Gian Giorgio Trissino, a chamada “Teoria Italiana” nos embates da questão da língua no *Cinquecento*.

3.2 A Teoria italiana

O vicentino Gian (o Giovan) Giorgio Trissino (1478-1550) apresentou uma teoria que está relacionada à sua descoberta de um manuscrito da obra *De Vulgari Eloquentia* de Dante. Em 1529, Trissino publicou uma versão traduzida do latim por ele mesmo. No mesmo ano, publicou *Il Castellano*, no qual defendia a tese que em Petrarca havia termos de várias partes da Itália, logo a língua de Petrarca não era propriamente “florentina”, mas “italiana” (MARAZZINI, 1994, p. 240).

Para defender seu ponto de vista, utilizou a autoridade de Dante que no *De vulgari eloquentia* condenou o florentino e o toscano em detrimento de outras, superiores, como o siciliano da corte de Frederico II e a língua do *stilnovista* Guinizelli. No calor dos debates, no *Cinquecento*, os florentinos chegaram a negar a autoria de Dante daquele documento. O original em latim só foi publicado em Paris em 1577.

Trissino chegou a propor uma reforma ortográfica na *Epistola de le lettere novamente aggiunte ne la lingua italiana* (1524) segundo a qual se deveria distinguir as vogais e e o abertas com os símbolos gregos (épsilon e ômega – respectivamente). Ele aplicou essa grafia na obra *Sophonisba*, a primeira tragédia classicista fiel aos modelos gregos no uso do coro (FERRONI, 2002, p.70).

Na obra *Il Castellano*, Trissino situa um diálogo logo após a publicação da Epistola. Debatem Giovanni Rucellai, o castelão de Castel Sant'Angelo, porta-voz de Trissino; seu amigo Filippo Strozzi (que defende as ideias de Martelli, crítico de Trissino), além de Iacopo Sannazzaro, Antonio Lelio e Arrigo Doria.

No início da obra, Rucellai é acusado de ter expropriado aos florentinos o nome de sua própria língua. Busca defender-se afirmando que diante de uma análise se verificará que boa parte do vocabulário dos escritores antigos não é composto somente por termos florentinos. Strozzi retruca dizendo que, se as obras de Dante ou Petrarca fossem lidas em Vicenza ou Ferrara, não seriam plenamente entendidas como em Florença. Já Rucellai argumenta que as mulheres cultas teriam certamente compreendido essas obras (MIGLIORINI, 1987, p.316).

O *De Vulgari Eloquentia* aparece na argumentação do castelão Rucellai só ao final da obra. Migliorini demonstra que Trissino interpreta a obra de Dante a seu modo, primeiro relacionando o vulgar ilustre com a língua italiana e, depois, usando a *Commedia* como suporte para comprovar que Dante utilizou vários modos de dizer italianos (Ibidem, p. 317).

O debate que se sucedeu após a publicação do tratado de Dante e das obras de Trissino foi bastante intenso, principalmente as respostas dos florentinos. Segundo Marazzini, uma das mais interessantes reações foi a obra de Machiavelli, *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*:

In questo testo viene introdotto Dante stesso, il quale dialoga con Machiavelli, facendo ammenda degli errori commessi scrivendo *De Vulgari Eloquentia*. Si noti che non è in questo caso contesta l'autenticità del trattato dantesco (come si fece in seguito), ma semplicemente Dante viene 'sgannato' ('cavato d'ingano'), corretto per i suoi errori, portato ad ammettere di aver scritto in fiorentino, non in 'lingua curiale' (cioè non in lingua comune o cortigiana) (MARAZZINI, 1994, p. 241).

Machiavelli critica as pretensões dos setentrionais que se achavam no direito de colocar ao lado da língua toscana as línguas de *Milano*, *Vinegia*, *Romagna* e *Lombardia*, sendo essa última desqualificada como cheia de blasfêmias (MACHIARELLI APUD MARAZZINI, p. 241).

A polêmica sobre a autenticidade do *De Vulgari Eloquentia* continuou por um bom tempo animando o debate entre os florentinos. Quando a obra foi publicada no original latino em 1577, em Paris, os protagonistas deste debate já haviam falecido³⁹ (MARAZZINI, 1994, p. 241). Somente após a publicação de *Ercolano* de Varchi, as teorias bembianas foram revistas e aceitas parcialmente também pelos florentinos que continuaram buscando colocar o vulgar ilustre de Florença de seu tempo ao lado do vulgar *trecentesco*.

³⁹ Apenas em 1729 uma obra que reunia o original latino e a tradução de Trissino foi publicada.

4. Considerações Finais

Nesse longo percurso que iniciou nos primórdios do desenvolvimento da língua italiana até chegar às suas primeiras gramáticas e ao debate sobre qual deveria ser a língua (escrita) dos italianos no *Cinquecento* - isto é, antes que existisse a Itália enquanto estado-nação - procuramos enfatizar a importância dos estudos da história da língua para uma compreensão mais completa da formação do italiano.

Foi um percurso guiado muito pela curiosidade e no qual tivemos a oportunidade de explorar, com mais vagar, algumas informações que são lugares-comum do estudo da língua italiana, como, por exemplo, a importância das *Tre Corone* no que diz respeito à sistematização da língua italiana; como foi possível existir um italiano regional, etc. O enfoque na *Questione della lingua* como se deu no século XVI trouxe um entendimento mais completo e mostrou o papel fundamental dos intelectuais neste processo que pouco teve de natural: foi em parte resultado de contingências históricas e do debate incessante dos humanistas.

Enfatizamos desde o início que a preocupação era em pensar o italiano escrito. Sobre o fenômeno que ocorreu posteriormente a essa sistematização, isto é, a influência na língua falada, pouco aqui pudemos acenar.

Um dado interessante a ser destacado é que a maior parte dos intelectuais envolvidos era proveniente de áreas não toscanas, tanto setentrionais (Bembo e Trissino), quanto meridionais (Equicola). Foi fora da Toscana que a necessidade de gramáticas surgiu, o que é explicado pelas dificuldades que escritores e intelectuais enfrentavam diante de suas *koinés*, às vezes bastante diferentes da prestigiosa língua toscana de Dante, Petrarca e Boccaccio.

Por fim, se este trabalho serviu para trazer um pouco mais de informação em português sobre as raízes do italiano, colheremos um fruto bastante significativo.

Bibliografia

ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia: Inferno*. Milano: Oscar Mondadori, 2005.
A cura di Anna Maria Chiavacci Leonardi.

BARTOLI LANGELI, Attilio. *La Scrittura dell'italiano*. Bologna: Il Mulino, 2000.

BEMBO, Pietro. *Prose della volgar lingua*. Torino: Einaudi. Biblioteca della Letteratura Italiana, 1966.

DALLA LOGGIA, Ernesto Galli. *L'identità italiana*. Bologna: il Mulino, 1998.

DE MAURO, T; LODI, M. *Lingua e Dialetti*. Roma: Editori Riuniti, 1979.

DRUSI, Riccardo. *La lingua 'cortigiana romana': Note su un aspetto della questione cinquecentesca della lingua*. Cardo Editore: Venezia, 1995.

FERRONI, Giulio. *Storia e testi della letteratura italiana*. Milano: Mondadori, 2002.

MARAZZINI, Claudio. *La Lingua Italiana. Profilo storico*. Bologna: Il Mulino, 1994.

MIGLIORINI, Bruno. *Storia della Lingua Italiana*. Milano: Bompiani, 1987.

MORGANA, Silvia. *Breve Storia della lingua italiana*. Roma: Carocci, 2010.

TRECCANI. *Enciclopedia online*.